



Gandalf e a  
busca pelo

**MENINO  
PERDIDO**

**A lua pairava baixo** no céu da Carolina do Sul quando Misha Marshall terminou de arrumar a bagagem na caminhonete. Em seguida, conduziu *Gandalf* à sua casinha, na carroceria. Eram três da manhã de uma terça-feira, 20 de março de 2007. O marido de Misha, Chuck, saiu de casa para se despedir: “Não espere encontrar o escoteiro perdido na floresta, porque isso não vai acontecer”, advertiu. Paramédico e bombeiro aposentado, Chuck já vira fatos mais surpreendentes do que um menino sobreviver três noites frias numa montanha, mas não queria que a mulher ficasse decepcionada consigo mesma nem com o cão.

Três dias antes, Michael Auberry, 12 anos, desaparecera do acampamento de seu grupo, no Parque Doughton, 280 quilômetros quadrados acidentados nas Montanhas Blue Ridge, na Carolina do Norte. Uma grande busca fora iniciada, mas praticamente não havia sinal do menino.

Misha, diretora financeira de uma empresa, e *Gandalf*, seu cão *shiloh shepherd* de 2 anos, haviam passado um ano treinando com a Associação de Cães de Busca e Resgate da Carolina do Sul. Mas esta era sua primeira missão de verdade, e Misha temia não perceber os sinais sutis de *Gandalf*. O cão de busca não aprende sinais específicos. Não age como o cão de caça ao avistar uma presa. O animal e a pessoa atuam em conjunto, intuitivamente.

Menina do campo, nascida em Asheville, Carolina do Norte, Misha cresceu com cães de trabalho: pastores alemães e *collies*. Ainda criança, adquirira a habilidade ímpar de pôr os animais para fazerem truques, como andar enfileirados e rolar no chão: “Era como se eu me sentisse como eles.”

Quando Misha tinha 10 anos, seu filhote de *collie*, *Laddie*, fugiu. Ela imaginou: *Se eu fosse um cachorrinho, para onde iria?* No fim do quarteirão, depois da rua principal, havia um lago de peixes. Dirigiu-se ao local, sem olhar para os lados. *Laddie* estava lá, refestelada na lama.

Misha encontrou *Gandalf* num canil do Tennessee, quando ele tinha 6 semanas de vida. Uma bolinha de pêlos negros com patas enormes, o animal mais parecia um ursinho do que um filhote de cachorro. Um ursinho meigo e tranqüilo. Misha, fã de J. R. R. Tolkien, batizou-o de *Gandalf*, em homenagem ao mago de *O senhor dos anéis*, porque achava que ele era especial.

**Ao sair de casa** naquela manhã, Misha se encontrou com sua equipe, formada por outros seis adestradores,

condados vizinhos, para explorar uma rede de 50 quilômetros de trilhas.

Tudo o que acharam no primeiro dia foram algumas batatas *chips*. Elas estavam a oeste do acampamento de Michael, num caminho que se embrenhava no parque. Os profissionais encontraram pegadas que iam para outra trilha, até um rio que fica a cerca de 400 metros do acampamento. Era uma ótima pista, mas as pegadas desapareciam no rio.

Quando o sol começou a se pôr e o frio da noite apertou, alguém encon-

## Helicópteros vasculharam as matas com raios infravermelhos. Mergulhadores procuraram em rios e na represa. E SÓ ENCONTRARAM UMA MEIA.

e todos seguiram para o norte. Outro grupo, da Carolina do Norte, passara a noite à procura do menino. A equipe de Misha assumiria a tarefa pela manhã.

O Parque Doughton fica numa depressão, na encosta de uma montanha. Possui vegetação cerrada e é cheio de despenhadeiros de 800 metros de altura. Saliências rochosas terminam em cavernas ocultas pelo matagal. Musgos escorregadios e a água das cascatas tornam pouco segura a caminhada, e o barulho dos rios abafaria os gritos de socorro de uma criança.

Sabendo da inclemência do local, os guardas-florestais haviam chamado equipes de resgate (algumas trabalhando com cães farejadores) de dois

trou a tampa de um *kit* de talheres portátil a 100 metros de onde as pegadas desapareciam. Um voluntário bem-intencionado, mas inexperiente, levou a tampa de volta ao acampamento, eliminando a pista que os cães seguiriam.

Com o cair da noite, um helicóptero da guarda estadual vasculhou a floresta com um instrumento de raios infravermelhos. A patrulha de terra parou seu veículo no acampamento, acendeu lanternas e chamou o nome de Michael por um alto-falante.

Sabia-se que o garoto estava usando casaco e botas impermeáveis, mas até o pessoal do resgate caía em córregos e se molhava. A equipe continuou a operação noite adentro.

Nos dois dias que se seguiram, os resultados não foram muito diferentes. Equipes especializadas desceram despenhadeiros para ver se o menino havia caído em algum deles. Mergulhadores esquadrinharam com anzóis e âncoras um viveiro de peixes abandonado. Conferiram todos os ajuntamentos de troncos que boiavam nos rios. Investigaram cada cascata. No domingo, encontraram uma meia de escoteiro num rio. E só. Até a manhã de segunda-feira, 566 profissionais de resgate haviam participado da busca.

**Misha e sua equipe** chegaram ao local por volta das 7h de terça-feira, no quarto dia da operação. O lugar estava cheio de carros da imprensa. Havia um enorme centro de comando móvel. Tendas de comida da Cruz Vermelha e viaturas policiais se achavam por toda parte.

A equipe se reuniu com integrantes do grupo da Carolina do Norte, que haviam acabado de voltar depois de passar a noite vasculhando as imediações. Eles disseram a Misha que o terreno era tão acidentado que, na maior parte do tempo, era necessário engatinhar. Nenhum de seus cães rastreadora nada. Agora um cachorro teria de sentir no ar, depois de quatro dias, o cheiro de um menino desaparecido, tarefa ingrata até para o mais experiente dos animais.

Mas o grupo da Carolina do Norte deu um presente à equipe de Misha. Eles haviam conseguido uma camisa usada de Michael, que não fora tocada por mais ninguém. Usando luvas, cor-

taram-na em pedaços, que colocaram em sacos plásticos.

Às oito da manhã, a equipe foi instruída sobre tudo o que se referia a Michael. Misha estudou o retrato do menino. Queria guardar sua imagem da mesma forma que *Gandalf* guardaria seu cheiro.

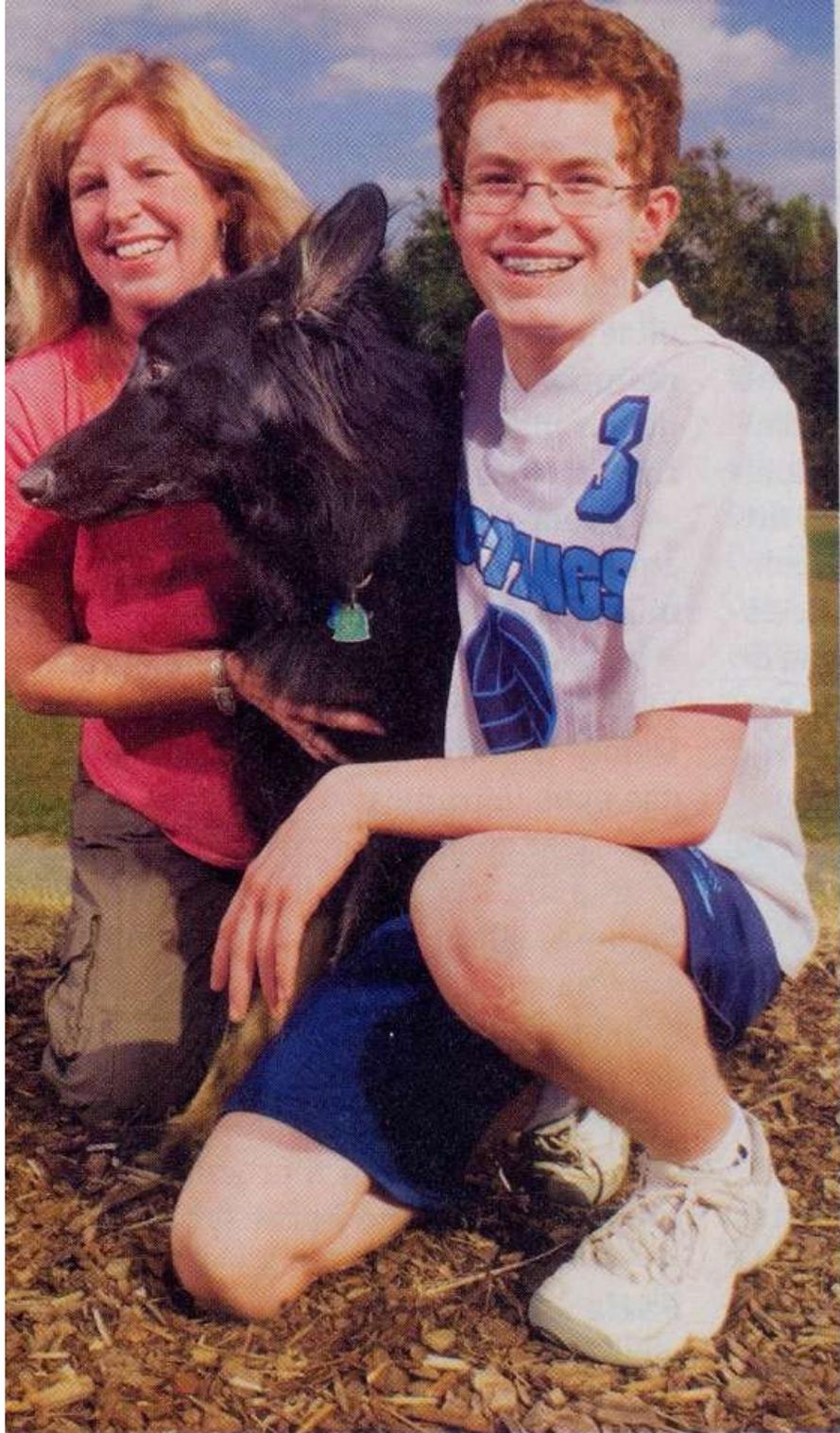
O centro de comando enviava uma equipe de cada vez para locais determinados. Misha e *Gandalf* seguiriam – com a estudante de Enfermagem Erin Horn e o bombeiro voluntário Danny Gambill – para a área 51, uma das mais íngremes.

Os três consultaram o mapa. A área 51 era um retângulo vertical ao longo de uma trilha. A equipe decidiu seguir para o alto do trecho e deixar *Gandalf* descer livremente pela encosta. Calcularam ter em torno de 3 quilômetros quadrados (1% do parque) para investigar. A procura duraria pelo menos oito horas.

**Fazia 10°C**, mas, na noite anterior, a temperatura estivera abaixo do ponto de congelamento. Michael possuía conhecimentos básicos de escotismo, e esperava-se que tivesse encontrado um abrigo. Ele havia lido livros sobre meninos que sobrevivem sozinhos na floresta. Mas agora três dias haviam se passado, e cães farejadores de cadáveres já tinham sido solicitados.

Misha se concentrou no resgate. Não queria que nada de negativo lhe anuviasse a mente. “Michael está vivo”, disse a *Gandalf*. “Vamos achá-lo.”

Ela pegou o saco plástico que continha o pedaço da camisa de Michael e



**“Um grande cão!”, Michael disse de Gandalf, aqui com sua dona Misha Marshall.**

equipe decidiu subir mais um pouco, por via das dúvidas. Mais uns 15 minutos de caminhada poderiam dar resultados. Eles decidiram avançar mais 200 metros, cruzando o Rio Basin sobre pedras e troncos caídos.

Enquanto Erin estudava o aparelho de GPS, Danny vasculhava seu lado da trilha. Os três seguiam pela margem direita do rio. De repente, Misha notou *Gandalf* erguer a cabeça, mas não viu nada na vegetação rasteira.

O vento agora soprava contra eles, vindo da curva de um rochedo. *Gandalf* se achava uns 30 metros à frente, andando pela margem do rio no ponto onde ela virava sob um paredão de pedra. Misha o viu levantar a cabeça de novo.

*Gandalf* avançou para a esquerda, para trás do rochedo, e Misha o seguiu. Dobrou a curva, e ali – uns 50 metros adiante – viu um menino de casaco vermelho. Ele estava entorpecido de fome e cansaço.

Misha e Danny começaram a gritar: “Michael, é você? Michael?” O menino se virou para eles. Danny subiu a rocha íngreme para ajudar Michael a descer. Avançando até a metade do rio, Misha passou o menino para Erin. A equipe então o levou para a margem e o dei-

deixou *Gandalf* farejá-lo. Com a cabeça erguida, o cão começou a subir a trilha. Misha, Erin e Danny o seguiram.

*Gandalf* ziguezagueava pela trilha, que ficava cada vez mais estreita, entre rochedos e despenhadeiros. Erin levava o mapa e um aparelho de GPS. Após cerca de uma hora, pararam para se localizar. Segundo o GPS, haviam subido em torno de 1.800 metros, chegando ao topo da área determinada. Era hora de começar a descer. Mas a

xou ao lado de *Gandalf*. “Você gosta de cachorro?”, perguntou Misha. Michael assentiu. “Este é o *Gandalf*”, disse ela, vendo o cão cheirá-lo.

Enquanto os três entravam em contato com o acampamento, Michael comeu os biscoitos que lhe deram. Deixou o restante no chão, e *Gandalf* os devorou. “Um helicóptero vem me buscar?”, perguntou o menino. “Seria legal andar de helicóptero.”

Mas o terreno era acidentado demais para o pouso de um helicóptero. Os guardas-florestais apareceram para levar Michael. Quando chegaram, Misha teve de fazer força para segurar *Gandalf* na coleira. Ele queria acompanhar o menino. Misha nunca vira seu adorável gigante agir daquela maneira. Ele estava sem dúvida orgulhoso de si.

**Michael estava desidratado**, faminto, exausto e quase congelado. Tinha queimaduras de primeiro grau, causadas pelo frio, e levaria algumas semanas para voltar a sentir os dedos dos pés. Depois de uma breve estada no hospital, recebeu alta em boas condições de saúde.

No fim, a experiência de Michael não foi em nada parecida com as dos

personagens dos livros que leu. Ao contrário dos protagonistas, ele não teve a sorte de achar uma caverna nem um galho em forma de anzol, ou qualquer outro instrumento que lhe servisse de ajuda. Mas lembrou-se de que era importante manter-se aquecido e hidratado. Dormia coberto de folhas e chupava gelo. Em julho do ano passado, Michael ganhou a Medalha de Honra ao Mérito por Sobrevivência na Selva. Ele agora sabe quais foram os maiores erros que cometeu: não ficar parado num só lugar e não fazer barulho suficiente para chamar a atenção. O menino não pretende se perder nunca mais. É grato a todos que o procuraram, mas talvez a ninguém mais do que a *Gandalf*.

**De volta ao acampamento**, Misha finalmente conseguiu um bom sinal no celular e telefonou para o marido.

– Não posso falar muito agora – começou. – Mas *Gandalf* encontrou o escoteiro.

– Sei, acredito... – duvidou Chuck. Mas então se deu conta de que ela estava falando sério: – Bem, acho que esta é a última vez que duvido do que você e *Gandalf* são capazes de fazer.

## PEDIDO INUSITADO

**Na Itália**, um homem condenado a nove meses de prisão domiciliar pediu ao juiz que o mandasse para a cadeia. Ele não agüentava mais ouvir sua mulher resmungar: “Preciso de um pouco de paz”, implorou Ahmed Salhi. Ele cumpriu o restante da sentença eu um presídio.

